

# *Fundamento-Abismo: Machado de Assis na Formação da literatura brasileira*

Emílio Maciel  
*Universidade Federal de Ouro Preto*

Resumo: *Leitura de duas páginas da Formação da literatura brasileira, de Antonio Candido, este ensaio discute o papel de Machado de Assis como protagonista oculto desse grande e elíptico Bildungsroman.*

Palavras-chave: *retórica, narrativa, leitura, disrupção*

*"By indirections find directions out"*  
Hamlet, Ato II, cena I

Ao lado de figuras como Tobias Barreto, Silvio Vasconcelos e Narcisa Amália, o nome de Machado de Assis aparece em posição claramente coadjuvante nas "biografias sumárias" que fecham o segundo volume da *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Comprimido entre autores mais que manjados, como Fagundes Varela e Castro Alves, e outros que o tempo encarregou de transformar em ilustres incógnitas, a passagem relativa a Machado limita-se a enumerar as obras por ele publicadas até fins das década 70, para terminar observando, em tom aparentemente casual, que os grandes romances da maturidade

fugiriam ao escopo analítico da pesquisa de Candido. Num arco que tem como data de encerramento exatamente o ano da publicação de *Brás Cubas* na Revista Brasileira, a lacuna parece de início em perfeita coerência com o propósito maior do livro, voltado para mostrar como, do Arcadismo ao Romantismo, a Literatura brasileira iria tomando pouco a pouco consciência de si mesma, a partir da consolidação de vínculos de continuidade entre seus autores. Transformado em desafio compositivo pelo texto de Candido, esse lento processo de cristalização é o grande fiador da unidade de ampla progressão narrativa coberta pelo livro, desdobrada com a mesma abrangência e falta de pressa de um *Bildungsroman*, um périplo cujos inícios tímidos e tateantes mal poderiam fazer antever o aparecimento de um autor da envergadura de Machado. Herdeiro e culminação desse percurso, ele é também o nó que reverte bruscamente a significação do todo, razão pela qual, à primeira vista, ao convertê-lo em ponto de chegada do seu estudo, parece clara a opção de Candido por privilegiar o moroso processo cumulativo que o tornou possível, descrito à certa altura de seu texto como “uma lenta superposição de camadas”. Prolongando-se ainda na citação final de “Instinto de nacionalidade” – quando o livro termina referindo-se a uma independência que não tem “sete de setembro”, nem “canto de Ipiranga” –, é provável que o grande efeito retórico desse ralentamento seja atenuar a sensação de quebra violenta que a leitura de Machado provoca em seu suposto “galho menor”, e no qual às vezes parece funcionar como um enxerto monstruoso, desdobramento não mais dedutível da mera soma das partes. Se por um lado isso faz ver com alguma suspeita a linearidade de traçado, por outro não deixa de realçar também a astúcia e precisão do artefato do crítico – que dificilmente poderia encontrar um guia mais abalizado para a sua operação de síntese.

Com efeito, ao prestar a Machado uma autoridade muito maior do que a de qualquer outro autor brasileiro, a leve indistinção de vozes que marca o desfecho do livro parece se prestar de forma relativamente dócil a apropriações dos mais diversos naipes, desde as que fazem do golpe de vista crítico de Machado o grande precursor do próprio Candido – na zona difusa entre o diálogo dos mortos e a inscrição autobi(blio)gráfica –, até as que preferem tornar menos definida a relação entre o romancista e o sistema a que pertence, optando por fazer com que aquele opere em relação a este como um corpo estranho. Entende-se por quê: se o andamento acanhado desse sistema estava longe de fazer prever uma quebra tão titânica, nada mais lógico então que o nome encarregado de elevá-lo a uma patamar inédito seja aquele também capaz de contemplá-lo à devida distância,

pré-requisito necessário à identificação de suas grandes linhas de força e de seus equívocos. Não bastasse ser também um ótimo talismã contra as armadilhas em que cairiam quase todos os naturalistas – condenados, segundo Candido, a repetir as insuficiências dos românticos por não terem sabido digeri-los de forma crítica –, essa atitude ao mesmo tempo impiedosa e omni-compreensiva que se associa a Machado reforça ainda mais a impressão de estarmos diante de um típico périplo formativo, do qual as obras publicadas a partir de 1880 constituiriam por assim dizer a “virilidade madura”. De acordo com esse raciocínio, portanto, na novidade avassaladora e à primeira vista chocante de um livro como *Brás Cubas*, é como se tivéssemos apenas a ponto de chegada de um longo e dolorido processo de tentativa e erro, no qual certos caminhos terminariam ganhando precedência sobre outros, a linha do tempo funcionando como uma espécie de seleção natural de que Machado seria a hipóstase. Ato contínuo, ao fazer do nome do romancista o *shifter* que opera como voz dominante de uma narrativa cifrada –, na qual este ocuparia o lugar de um ponto de observação privilegiado para a compreensão do todo –, a conexão instaura ainda uma intransponível diferença de grau entre o autor de *Dom Casmurro* e todos os restantes, aí enlaçados como atores de uma trama em que, aos poucos, após absorver as lições que poderiam ser tiradas dos que o antecederam, Machado estaria finalmente apto a transformá-los em personagens de sua própria ficção crítica para consumo interno. Uma ficção cuja lucidez, por sinal, pode ser comprovada na vertiginosa mudança de escala dos romances e contos da segunda fase, cujo impacto leva imediatamente à caça retroativa de possíveis prenúncios, em meio à massa de esboços canhestros dos anos 60 e 70. E ainda assim, sendo esse também um jogo que tem seu ponto de chegada numa quebra brutal, tampouco parece difícil entender como a impossibilidade de dissimular tal descontinuidade – que, sem prejuízo de todo o zelo e astúcia com que o crítico a prepara, parece ter quase o mesmo impacto de um advento messiânico – surja como outro forte ponto em favor da decisão de Candido de terminar seu livro onde termina, abdicando de tratar justamente do romancista sem o qual jamais teria podido estabelecer a visão do conjunto. De início, nessa escolha aparentemente bizarra – para não dizer até decepcionante – pode-se reconhecer a tática para reforçar por via indireta a ligação entre Machado e seus precursores, convertidos quase em degraus da escada que conduz à irrupção do primeiro autor brasileiro de estatura universal e, por isso mesmo, capaz de operar quase como uma certidão de saída-da-minoridade da Literatura Brasileira. Ao mesmo tempo, ao realçar o que há em Machado de incomensurável em relação ao resto, tal figuração projeta sérias dúvidas

sobre a viabilidade e verossimilhança de uma progressão linear; efeito em que se pode identificar ainda um eco mais ou menos remoto do proverbial pendor machadiano para as atenuações e o litotes, traço no qual se entrevê também o jogo de afinidades eletivas entre o narrador e seu crítico – que nesse ponto dá a impressão de se deixar contagiar de forma deliberada pelo seu objeto. Feitas todas essas ressalvas, contudo, por mais sofisticada que seja a modulação entre um ponto e outro, é certo também que, pela agilidade como coloca um problema em evidência e depois o destitui, essa elipse não deixa de ter algo de um recuo tático, correndo o risco de soar até incomodamente contemporizadora se nos limitarmos apenas ao que há de mais epidérmico na dicção de Candido, no momento em que este se desvencilha de um confronto direto com aquela que é sem dúvida a grande pedra de escândalo de todo o seu texto. Ao longo das últimas décadas, porém, o efeito de suspensão e ambiguidade gerado por esse imenso anticlímax vem se consolidando como um fio condutor obsessivo da crítica que elege a obra de Candido como interlocutor principal e tenta dela tirar as devidas consequências, tarefa que, pelo menos nos seus desdobramentos mais estimulantes, está muito longe de se reduzir apenas à mera “rotinização de carisma”. Pelo contrário: tendo como marco inaugural a metáfora da transmissão de tocha entre corredores evocada no segundo prefácio da *Formação*, o que talvez chame mais atenção na referida vertente – cuja longitude cobre desde discípulos diretos como Lafetá e Arrigucci até apropriações mais heterodoxas e até antagônicas, como é o caso de José Miguel Wisnik e Paulo Arantes – é a insistência ao mesmo tempo sutil e enfática como, nos trabalhos que tomam a obra de Candido como baliza de referência, a síntese desenhada pelo crítico para dar conta dos séculos XVIII e XIX passa a funcionar menos como descrição de estados de coisas que como ato performativo, menos como narrativa do passado a ser ou não refutada que como profecia que se auto-realiza via sucessivas expansões concêntricas – e isso seja quando se trata de circunscrever uma assinatura rítmica para a *Bildung* nacional, seja ainda quando se trata de forjar hipóteses capazes de dar conta de algumas de suas torções decisivas, dentre as quais poucas são aliás tão excruciantes quanto o evento-Machado. Apenas para citar o caso mais notório, é um movimento muito bem ilustrado, para dizer o mínimo, logo no início do capítulo com que Roberto Schwarz encerrava há poucos mais de duas décadas a sua clássica leitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas* – tomando como epígrafe exatamente o trecho em que Candido explicita a filiação de Machado a seus precursores brasileiros, numa das duas únicas páginas em que mede forças diretamente com o autor de *Quincas Borba*:

Se voltarmos porém as vistas para Machado de Assis, veremos que esse mestre admirável se embebeu meticulosamente da obra dos seus precursores. A sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição de costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antônio, na vocação analítica de José de Alencar. Ele pressupõe a existência de predecessores, e é esta uma das razões de sua grandeza: numa literatura em que, a cada geração, os melhores recomeçam da capo e só os mediócrs continuam o passado, ele aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores. Este é o segredo de sua independência em relação aos contemporâneos europeus, do seu alheamento às modas literárias de Portugal e França. Esta, a razão de não terem muitos críticos sabido onde classificá-lo.<sup>1</sup>

Sem implicar propriamente uma sobreposição perfeita, os traços colocados em destaque na citação acima – que constitui por si só uma perfeita demonstração em ato da famigerada “transmissão de tocha”, sendo também um dos trechos que mais e melhor põe em evidência a discreta teleologia do livro de Candido, com seu louvor à capacidade do romancista de “assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores” – pode sem dúvida nos ajudar a dimensionar melhor os efeitos de sobredeterminação acionados pela narrativa teórica da *Formação*, convertida agora em moldura privilegiada para o arremate do ensaio de Schwarz, que nesse ponto parece interessado em levar às últimas consequências a obra de seu mestre. Ponto a se reter, ainda, é que, ao assomar agora como pivô de uma leitura que joga todas as fichas na caracterização de Machado como narrador realista, a aposta que tem como ponto de partida a citação acima adiciona uma nuance semântica inesperada ao texto-matriz, delineando uma senda na qual, estranhamente – em que pese a confessa reverência de Schwarz em relação a Candido –, muitos dos elementos destacados como traços positivos pelo autor de *Tese e antítese* aparecerão como termos de um estilo fundado menos na busca de coesão orgânica do que num atrito meticuloso de dissonâncias, tendo como ponto-chave exatamente o uso a contrapelo de traços que aparecem ainda referidos no trecho originário da *Formação* em clave elogiosa. Os mesmos traços porém que, como podem comprovar todos os que seguirem a

1. CANDIDO, apud SCHWARZ. *Um mestre na periferia do Capitalismo*, p. 207-208.

argumentação exposta em “Acumulação literária e nação periférica”, nada mais seriam, para Schwarz, que a sucata a ser implacavelmente vampirizada e reciclada pelo inigualável gume crítico de Machado, com sua prosa apta a expor todos os pontos cegos e buracos negros dos raciocínios especiosos de seus narradores, que tem exatamente na desfaçatez cínica sua nota capital. Mal comparando, se no texto de Candido o enxerto aparece logo em seguida a uma crítica implacável às insuficiências do nosso Naturalismo – para ele efeito de uma absorção passiva e irrefletida de influxos internos –, em Schwarz a passagem surge borgianamente transformada em ponto de partida de uma nota polêmica, cujo foco é inscrever Machado em meio a uma certa linhagem malandra não-hegemônica da literatura brasileira, encabeçada por nomes como Manuel Antônio e Martins Pena. Como ficará cada vez mais evidente no decorrer do referido capítulo, é uma opção que levará Schwarz a depreciar com especial contundência o suposto legado “analítico” de José de Alencar, convertido em sua leitura em alvo de uma sátira enviesada à irreprimível vocação *fashion victim* do sistema intelectual brasileiro, de que dá prova ainda a referência à feição “postiça, risível e importada”<sup>2</sup> do nosso romantismo, *pari passu* à valorização da “deliberada falta de decoro das combinações temáticas”<sup>3</sup> de um dramaturgo como Martins Pena, no cotejo com as quais, sempre segundo o crítico, as faceirices e afetações novidadeiras de Macedo e Alencar soariam como “simples complementos de elegância senhorial”.<sup>4</sup> Em última análise, porém, se pensarmos que em Schwarz se trata de dar uma direção mais firme a uma narrativa em aberto – e que toma portanto como inspiração confessa aquilo que o próprio Candido teria exposto em sua célebre análise de *Memórias de um sargento de milícias*, texto aliás também evocado explicitamente em uma nota de rodapé na página 222 –, a dobra que me parece ter lugar nos sintagmas há pouco destacados combina em doses muito bem equilibradas a fidelidade e a tomada de distância, ao eleger como eixo uma transição na qual, até segunda ordem, a opção por discriminar em termos de oposição binária os aspectos que surgem arrolados no texto original como enumeração paratática – nas menções à “orientação de Macedo para a

2. CANDIDO, apud SCHWARZ. *Um mestre na periferia do Capitalismo*, p. 219.

3. CANDIDO, apud SCHWARZ. *Um mestre na periferia do Capitalismo*, p. 221.

4. CANDIDO, apud SCHWARZ. *Um mestre na periferia do Capitalismo*, p. 215.

descrição de costumes”, ao “realismo sadio e colorido de Manuel Antônio” e à “vocalização analítica de Alencar” – está longe de configurar uma discordância aberta em relação à ênfase conciliatória de Candido. Que evidentemente, por maior que seja o virtuosismo e elegância de suas atenuações, sabe melhor que ninguém – como arguto leitor de Machado que é – que um autor pode não só aprender tremendamente com aquilo que rejeita como pode ainda fazer essas rejeições passarem quase despercebidas dependendo dos eufemismos e perífrases de que se utilize.

Para um raciocínio que toma, como se vê, como ponto de partida a primeira pessoa do plural – menos como artifício de captar benevolência do que como tática para implicar claramente o leitor na ficção de um “espírito objetivo” unindo as pontas do livro –, não são poucas as ironias contidas no enxerto em questão, de resto também ótima descrição alegórica dos vínculos nem um pouco óbvios entre um crítico e outro. Numa segunda leitura, contudo, mesmo esse lastro de inscrição autobiográfica tenderá a perder importância em face do sutil deslizamento que o trecho perfaz, até a reivindicação que tem como mote o atávico déficit de coesão do cenário intelectual brasileiro; “uma literatura em que, a cada geração, os melhores começam da capo e só os medíocres continuam o passado”. Em uma passagem que se propõe a nada menos que explicar o segredo da independência de Machado de Assis – não apenas em relação a seus contemporâneos brasileiros como também aos europeus –, não parece lá muito difícil entender, assim, porque o que surge logo no início como uma resposta definitiva apareça poucas linhas depois mediado pelo hábil anteparo de modalizações de dúvida – a exemplo do que se vê quando, no raciocínio de Candido, pressupor a existência de seus precursores aparece como “uma das razões” da grandeza de Machado. *A fortiori*, é evidente que isso deixa também um grande flanco aberto para que o leitor procure outras razões e explicações que não a destacada pelo crítico, mesmo se o parágrafo seguinte, ao voltar até as relações entre Machado e Macedo, Alencar e Manuel Antônio – nomes que a princípio, pelo menos, não teriam porque ser vistos como uma matéria-prima mais importante do que as outras “n” leituras do romancista – trate de reforçar com especial energia o peso e o primado da herança. Numa progressão suave mas não imperceptível, a recusa em mensurar o grau de descontinuidade em relação a precursores torna-se desse modo um truque para conferir verossimilhança a uma síntese que se dá sob a forma de uma enumeração muito sabiamente desierarquizada, e na qual, de um lado, a perspectiva do crítico interessado no “talento peculiar” do autor e, de

outro, a do historiador interessado em “desvendar filiações” se parecem menos com os elos de um raciocínio do que com a tentativa de dar feição mais tangível a uma pluralidade de causas, mais ou menos hipotéticas. À primeira vista, esse habilidoso jogo de indefinições é no mínimo também uma ótima tática para reforçar o poder persuasivo da acentuação do crítico, resultado em grande parte de zelo de não refutar frontalmente nenhuma das alternativas que arrola. Entre uma linha e outra, no entanto, a mesma indefinição que há pouco adia e atenuava ênfases irá depois se revelar a passagem para um bote certo, tendo como cenário um parágrafo no qual a extrema clareza e convicção da linguagem que domina a superfície – evidente numa série de qualificações lapidares que extraem de cada autor o que este tem “de certo, de definitivo” – convive com uma estranha variedade de negaceio sintático, cuja grande astúcia não consiste senão em quase não se deixar perceber em meio à fluência e segurança da prosa do crítico, num trecho no qual, de certo modo, a insubornável lucidez da filtragem machadiana opera como antídoto para o risco de um olhar condescendente em excesso em relação à tradição. É o que faz ainda – à falta de articulações argumentativas mais explícitas para serem demolidas, em meio a um desenho que parece, quase como quem não quer nada, ir empurrando discretamente para segundo plano o onívoro *drive* intertextual do narrador Machado de Assis – com que seja a própria tentativa de refutar a hipótese de Candido que agora soe deslocada:

Assim, se Swift, Pascal, Schopenhauer, Sterne, a Bíblia ou outras fontes que sejam, podem esclarecer sua visão do homem e sua técnica, só a consciência de sua integração na continuidade da reação romântica esclarece a natureza do seu romance. O fato de haver presenciado a evolução do gênero desde o começo da carreira de Alencar habilitou-o, com a consciência crítica de que sempre dispôs, a compreendê-lo, avaliar o seu significado e sentir-lhe o amadurecimento. Prezou sempre a tradição romântica brasileira, deu o exemplo de como se faz o aprofundamento das questões locais. Comparadas às descobertas estrepitosas do naturalismo, a sua orgulhosa humildade em face da cultura pátria ilustra bem a verdade do aforismo de Monsieur Teste: “Trouver n'est rien. Le difficile c'est de s'ajouter ce qu'on trouve”. Graças a ele, a nossa ficção fixou e sublimou os achados modernos dos escritores que passaremos agora a estudar.<sup>5</sup>

5. CANDIDO. *Formação da Literatura Brasileira*, p. 118.



Ora, a começar pelo própria falsa condicional que abre a primeira frase, o que se tem aqui – quando o que parecia uma série de complexas condições dispostas em parataxe se revela afinal bem menos cruciais que a consciência integrativa de Machado, termo por sua vez muito mais decisivo do que “técnica” ou “visão de homem” – não parece deixar muitas dúvidas sobre o poder de abrangência desse hábil jogo de marchas e contra-marchas encenado pelo crítico, no qual, a primeira vista, pelo menos, o diálogo de Machado com o Romantismo brasileiro tende a sobressair como um vetor muito mais impactante do que o diálogo com o leque de autores citado de modo mais ou menos fortuito no início da frase, quase como num mero “etc” stendhaliano. E no entanto, para quem saiba dar o devido peso para certos sintagmas – dentre os quais nenhum me parece aqui tão decisivo quanto a referência à tal “consciência crítica de que sempre dispôs” – não é menos verdade que, a despeito da assertividade de algumas pontuações (“prezou sempre”), um exame um pouco mais detido do trecho em questão o revelará como atravessado por uma poderosa embora nada estridente assimetria, de que dá prova ainda o modo como, ao descrever as relações entre Machado e Alencar, Candido suprime cuidadosamente a referência ao que há também de crítica radical nessa relação. Não por acaso, é um aspecto que será depois devidamente destacado por Roberto Schwarz no capítulo já mencionado, no qual podemos observar de certa forma também uma hábil palinódia do trecho acima, com o acento agora incidindo sobre a linha identificada de modo seminal em “Dialética da malandragem”. Começando com o trecho da página anterior do texto de Candido, a grande novidade do texto de Schwarz – que funciona portanto como uma outra linha de fuga ao mesmo tempo presente e ausente no meu próprio ensaio, linha que ele mira o tempo todo, mas jamais tangencia – é transformar em bifurcação nítida aquilo que em Candido aparece ser ainda um emaranhado de linhas, num périplo em que não se economizam farpas à “a indignação um pouco farisaica” e a “presunção de superioridade” do velho Alencar. No essencial – e eis aqui uma das dobras mais cruciais dessa intrigante narrativa-suplemento –, isso implica também em fazer com que, de um livro a outro, o mesmo resultado que é em Candido consumação de um lento acúmulo retorne menos como o ápice de uma progressão graduada do que como uma cismogênese, passando o teste de lucidez crítica, agora, não tanto pela avidez em incorporar tudo o que estava antes quanto pela prudência para não embarcar em trilhas furadas. Nada a espantar, em suma, que, nessa nova errata adicionada pelo autor de *Dois meninos*, – na qual ele dá a impressão de colocar o próprio Antonio Candido contra Antonio Candido, fazendo portanto da

epígrafe da *Formação* quase uma pista falsa – seja antes e sobretudo a falta de complacência em relação aos precursores, e não mais o respeito mais ou menos tingido de crítica que possa dedicar a eles, a grande responsável pelo incalculável impacto de um livro como *Memórias póstumas*; hipótese que significa também fazer – ironia das ironias – com que a mesma linhagem alencariana idealizante cuja “vocaçãõ analítica” Candido destacara venha desempenhar agora o papel de homem-a-ser-abatido na argumentaçãõ schwarziana, que muito convenientemente chegará a qualificar essa mesma vocaçãõ como “um tanto disparatada” num pequeno comentário em parêntese na página 220 – talvez o trecho em que mais explicitamente se reafirma e se relativiza proposiçãõ de Candido. Ainda que possa se tratar apenas de uma questãõ de ênfase, creio que a não pouca dissonância instaurada pelos adendos de Schwarz – pautados numa ágil exploraçãõ das ambigüidades e opacidades contidas nos dois trechos da *Formaçãõ* acima transcritos – não deixa de ser uma boa amostragem das reversões que podem perturbar ou mesmo fraturar toda “transmissãõ de tocha” – e eventualmente, até transformar em inimigo um (suposto) antigo aliado.

O mais impressionante, contudo, é que, ao antecipar muito do que Schwarz irá depois desenvolver, em textos como “As idéias fora do lugar” e “Nacional por subtraçãõ”, o contraponto que Candido aí estabelece entre Machado e as “novidades estrepitosas” do Naturalismo gera também um série de novos enlaces referenciais inusitados, dando lugar a uma oscilaçãõ na qual, para bom entendedor, o que os textos se propõem a dizer a respeito do mundo – quando tentam colocar em seqüência linear o evento que desmascara a ilusãõ que torna tal seqüência possível – parece ser bem menos importante do que aquilo que dizem um ao outro, de modo nem sempre explícito. Antes que a passagem se dê, no entanto, o périplo que surgia descrito claramente em Schwarz em chave crispada – e, salvo engano, desenhando um processo que caminhava muito mais na direçãõ da teratologia que da síntese formativa – precisará ser ainda acomodado, pelo autor de *Teresina*, nesse bizarro oxímoro que é a “orgulhosa humildade” de Machado “em face da cultura pátria”. Em mais de um sentido – e mesmo que seja difícil saber agora onde começa ou termina a soluçãõ de compromisso, que nesse específico parece ser muito mais um traço de Candido do que de Machado, cuja lida com a vertente Macedo-Alencar dificilmente poderia sugerir uma incorporaçãõ respeitosa – é talvez o sintagma que mais nitidamente expõe as tensões latentes no jogo atenuador da *Formaçãõ*, que, tanto nesse trecho quanto no outro citado, dá a impressãõ de mimetizar com extrema ironia o próprio *modus operandi* do

narrador machadiano – seja quando se compraz em embaçar os vínculos entre nomes próprios e suas respectivas atribuições, seja quando converte a própria postulação de uma causa principal numa traiçoeira nebulosa de perifrases. De uma extremidade a outra, porém, se há um ponto que funciona como um rasgo capaz de colocar em perspectiva todas essas guinadas sinuosas, não há dúvida que este se encontra exatamente no magistral efeito de autorrasura ativado pela citação de Valéry; um trecho em que hoje, graças a Candido mas também a Schwarz, pode-se ler tanto uma estocada certeira no torcicolo cultural dos Naturalistas – e não apenas deles – quanto um modo de resumir em descontinuidade aforística a intratável novidade do “romancista mais brasileiro que jamais houve”, seja lá o que isso signifique. Premeditado ou não, o fato é que, ao ceder a voz a um espírito sob muitos aspectos afim ao próprio Machado, a estrangeiridade literal e figurada do aforisma de Monsieur Teste – cujo advento se torna ainda mais abrasivo pela recusa de traduzir a citação – nos força de imediato a reler com uma generosa pitada de cautela aquilo que Candido dizia no início do trecho, quando, disfarçando num providencial “se” a longa oração concessiva estrelada por Swift, Pascal, Sterne e outros, tratara de diminuir a relevância dos autores e técnicas que seu autor “encontrou”. Cavando por isso mesmo um inesperado abismo de indeterminação em meio ao raciocínio, não há dúvida que a considerável dificuldade de orientação que daí decorre muito deve à vertiginosa polivalência e evasividade da parábase de Valéry, legível ora como duplo alegórico do projeto machadiano – como o ponto em que entraria finalmente em colapso a própria idéia de acumulação literária ou *Bildung* nacional –, ora como um simples efeito contingente acionado pela tremenda pertinência e estranheza dessa associação-relâmpago, quase uma forma de dissimular em golpe chistoso a impossibilidade de concluir o texto sem deixar arestas sobrando. Na intensa proliferação de disjunções em que o impasse se converte – prensado entre uma reivindicação gradualista e um modo de exposição disruptivo, entre a postulação de um périplo endógeno e a uma persistente linha de fuga perfurando o trajeto –, está com toda certeza uma das poucas formas de se chegar a bom termo com a densa névoa de causas reais ou fictícias que o evento Machado dispõe em constelação, e às quais caberá a cada crítico depois transformar na inevitável matéria prima da violência de sua leitura – sempre que tentar dizer então quem teria achado o quê, quando e como. Saber ao que é preciso renunciar para que a operação não falhe é também o que dá ao texto de Antonio Candido seu rigor, consistência e fragilidade.

Foundation-Abyss: Machado de Assis in *Formação da literatura brasileira*

Abstract: *A reading of two central pages of Antonio Candido's Formação da literatura brasileira, this essay discusses the role of Machado de Assis as a hidden main character of this great and elliptical Bildungsroman.*

Keywords: rhetoric, narrative, reading, disruption.

*R e f e r ê n c i a s*

- BARROS BAPTISTA, Abel. *O livro agreste*. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.
- CAMPOS, Haroldo de. *O seqüestro do barroco na "Formação da literatura brasileira"*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- COSTA LIMA, Luiz. *Pensando nos trópicos*. São Paulo: Rocco, 1991.
- DE MAN, Paul. *Aesthetic ideology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- DE MAN, Paul. *The rhetoric of Romanticism*. New York: Columbia University Press, 1984.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades, 1977.
- SCHWARZ, Roberto. *Que boras são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.